

## **Uma breve análise historiográfica do protestantismo brasileiro e suas tendências atuais**

Eduardo Guilherme de Moura Paegle

(Mestrando em História da UFSC)

### **Introdução**

O presente artigo pretende abordar uma síntese sobre a historiografia do protestantismo<sup>1</sup> nacional, bem como buscar elementos significativos na pesquisa histórica atual, relacionado à temática em questão. De início, afirmamos que o protestantismo brasileiro não possui uma uniformidade em sua configuração, quer consideremos os seus aspectos doutrinários, históricos, litúrgicos e teológicos. Existem na verdade diversos “protestantismos”, fenômeno plural e complexo quando se insere na sociedade brasileira.

### **A inserção do protestantismo no Brasil**

As duas primeiras tentativas de inserção do protestantismo brasileiro foram ainda no período colonial. A primeira tentativa ocorreu no Rio de Janeiro, quando os calvinistas franceses<sup>2</sup> liderados por Nicolau Duránd de Villegaignon conquistaram a referida cidade durante o período de 1555-1559. A segunda experiência com os holandeses no Nordeste, de 1630-1654. Como ambas experiências foram frustradas e não deixaram igrejas protestantes após o período relatado, a historiografia protestante não se deteve muita nessas inserções efêmeras.

Assim, consideramos o começo efetivo do protestantismo brasileiro no século XIX.

Á partir de 1808, com a vinda da família real, fugindo de Lisboa atacada pelas tropas napoleônicas, devido a sua neutralidade no “Bloqueio Continental”, entre apoiar a Inglaterra ou a França, foi possível a inserção do protestantismo com algumas restrições para permitir que os ingleses realizassem seus cultos nos navios ancorados nos portos brasileiros.

Essas restrições são descritas a seguir:

Assim, a fuga da família real e dos milhares de nobres e funcionários da corte, em navios portugueses escoltados por navios da marinha inglesa, prenunciava a preeminência inglesa do Brasil, formalizada dois anos depois pela série de tratados de fevereiro de 1810. O Tratado da Amizade e Aliança proibiu a implantação da Inquisição no Brasil (art.IX) e igualmente proibiu os súditos do Príncipe Regente de continuarem com o tráfico de escravo de qualquer parte da África, exceto das atuais possessões portuguesas naquele Continente (art.X).<sup>3</sup>

De fato, essa inserção ocorreu de duas formas, com o **protestantismo de imigração**, também chamado do protestantismo de colônia ou étnico, como, no caso, dos luteranos oriundos de territórios que posteriormente formaram a Alemanha, onde a Igreja foi totalmente trazida da Europa para o Brasil, como na comunidade de Nova Friburgo – RJ, de 1824<sup>4</sup>; e o **protestantismo de missão**, aonde o missionário vindo do exterior, procurava realizar a obra missionária, buscava converter os brasileiros, sendo apoiado normalmente pelas Sociedades Bíblicas. Dentro dessa perspectiva, podemos citar, a Igreja Congregacional (com o missionário escocês Robert Kalley<sup>5</sup>, em 1855, no Rio de Janeiro), a Igreja Presbiteriana (com o missionário estadunidense Ashbeel Green Simonton<sup>6</sup>, em 1859, também no Rio de Janeiro) e a Igreja Batista (com Willian Bagby e Zacharias Taylor, em Salvador - BA, em 1882).

Apesar de todas as dificuldades do período do Império, em torno das liberdades religiosas para as populações acatólicas, já que a religião era vista como algo público, em outras palavras, a religião do rei deveria ser a religião do povo, o protestantismo conseguiu gradativamente romper o monopólio católico.

Já o século XX ficou marcado pela inserção do pentecostalismo<sup>7</sup> brasileiro, que segundo a classificação de Paul Freston apresentou 3 momentos distintos, chamados de 3 ondas, que são:

- a primeira onda, também chamada de pentecostalismo clássico, surgiu no Brasil na década de 1910, representados pela Assembléia de Deus (1911) e Congregação Cristã do Brasil (1910);
- a segunda onda, insere-se no país na década de 1950 e 1960, com a Igreja Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1961), surgido dentro do contexto paulista;
- a terceira onda, também chamada de neopentecostais, surge na década de 1970 e 1980, entre elas, a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), surgido no contexto carioca.<sup>8</sup>

### **Uma análise historiográfica do protestantismo**

Analisamos de forma bastante simplificada, como ocorreu à inserção das diversas denominações protestantes no Brasil, sejam elas do protestantismo de missão, de imigração, pentecostal e neopentecostal. Cada um, com as suas particularidades, desse fenômeno plural no universo religioso brasileiro.

A historiografia referida ao protestantismo brasileiro apresentou ao longo desses anos, basicamente duas formas distintas de olhar o protestantismo: uma historiografia apologética e uma historiografia crítica.<sup>9</sup>

A historiografia mais tradicional, ligado ao aspecto positivismo, apareceu sob o aspecto bastante apologético dentro das estruturas denominacionais. Existe primeiramente uma História escrita pelos missionários, pastores, de cunho confessional. Num segundo momento, uma História crítica, quando a pesquisa científica passou a tratar o protestantismo, como objeto de pesquisa, adentrando no universo acadêmico.<sup>10</sup>

Até a primeira metade do século XX, a pouca visibilidade dos protestantes dentro da sociedade brasileira, era traduzida também na sua invisibilidade, enquanto objeto acadêmico. Decorre disso, ser natural, que uma história apologética era produzida de protestantes para protestantes. Em outras palavras, para o consumo interno. Nessa época, o neopentecostalismo não havia surgido no Brasil, o pentecostalismo lentamente se urbanizava, o protestantismo de imigração buscava sair do seu universo linguístico e cultural (como os luteranos alemães, que se nacionalizavam no período do governo Vargas) e o protestantismo de missão já não apresentava o mesmo crescimento do século XIX (quando estava ligada a idéia de modernidade e do progresso).

A legitimação da história apologética ocorria em defesa da confessionalidade, procurava em linhas gerais romancear um passado, enfatizar as dificuldades de evangelização no país, as longas e penosas viagens missionárias, enfim mostrar um passado institucional glorioso para cada denominação. Não existia uma “história protestante”, mas sim, um conjunto de histórias denominacionais, dos batistas, dos luteranos, dos presbiterianos e assim, por diante. Dessa forma, ocorria a valorização dos grandes vultos da história. Os presbiterianos, por exemplo, valorizavam as biografias dos homens ilustres, como dos missionários Simonton, Blackford, Landes; os batistas, dos Bagby; os congregacionais, com Robert

Kalley; enquanto, os pentecostais buscavam mostrar a relação entre a história e ação do Espírito Santo.

O marco de uma historiografia do protestantismo brasileiro se deu com a obra “O protestantismo brasileiro – estudo da eclesiologia e história social”, de autoria do historiador francês Émile G.-Léonard, uma história vista de baixo, pois:

Contrariamente à tendência dos nossos ‘historiadores’, quase todos de formação teológica – pois eram ou são ministros do Evangelho e por isso davam mais atenção aos problemas doutrinários e administrativos, assim como as lutas com o catolicismo -, Léonard procurava, mesmo no estudo destes, focalizar a massa, o corpo de fiéis, dedicando a atenção e simpatia até por assim dizer ‘marginais’ e por isso ignorados ou subestimados nos meios eclesiásticos oficiais.<sup>11</sup>

A década de 1970, assistiu a queda do fenômeno religioso, como objeto de pesquisa. Isto ocorreu devido à tradição historiográfica marxista no período, que compreendia a religião como aparelho ideológico do Estado, como na versão althusseriana, como relatado a seguir:

...houve quem, desejando obliterar os fatos historicamente comprováveis, tentasse reduzir as manifestações religiosas e as igrejas às condições de simples ‘aparelhos ideológicos do Estado’, como é o caso de Louis Althusser em um livro exatamente denominado, **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**, como se a fé e as religiões que lhe dão suporte não tivessem suas especificidades e peculiaridades, seu modo específico de se constituírem e, como manifestações superestruturais, não tivessem a sua relativa autonomia<sup>12</sup>

A influência dessa historiografia marxista já não é tão presente, como podemos perceber nas atuais tendências historiográficas sobre o

protestantismo brasileiro, reabilitado como objeto de investigações acadêmicas, como mostrado a seguir pela força da História Cultural, de origem francesa.

### **As tendências atuais da historiografia protestante brasileira**

A historiografia protestante brasileira já está consolidada no meio acadêmico brasileiro, apresentando uma variedade de pesquisas relativas a essa temática. O crescimento numérico dos pentecostais e neopentecostais na sociedade brasileira e sua grande visibilidade na mídia, fez com que a produção acadêmica acompanhasse esse processo, havendo neste sentido mais pesquisa sobre esses dois grupos do que os protestantes históricos. . Enquanto, geralmente o protestantismo histórico apresenta, em geral, arquivos bem cuidados e prontos para serem pesquisados pelo historiador; os trabalhos em relação aos pentecostais, são trabalhos mais de campo, envolvendo entrevistas orais, observações da liturgia dos cultos, preenchimento de formulários, devido muitas vezes à escassez de arquivos organizados, as dificuldades de acesso, a uma cultura oral e não-escrita (como no caso, da Congregação Cristã do Brasil) e análises de discurso de fontes televisivas e de rádios.

Percebemos também uma interdisciplinariedade entre historiadores, sociólogos, antropólogos, pesquisadores da religião nas investigações acadêmicas.<sup>13</sup> Essa interdisciplinariedade em conjunto com a influência da historiografia cultural francesa aplicada as pesquisas científicas sobre o protestantismo nacional permitiu o aparecimento de novos questionamentos, uma nova história-problema sobre o cada vez mais complexo universo protestante nacional. Assim, surgem novas temáticas, como por exemplo, o papel da mulher na igreja, o cotidiano dos fiéis, o tele-evangelismo, o papel

da mídia evangélica, a participação política dos evangélicos, a espetacularização da fé ao lado de temas tradicionais, como as escolas evangélicas e as questões doutrinárias.

### **Considerações Finais**

Neste artigo, buscamos uma rápida abordagem sobre as diferentes vertentes do protestantismo e como se inseriram dentro do universo religioso. Percebemos duas formas historiográficas: uma história apologética, ligada a uma história positivista e de outro lado, uma história crítica, ligado à Nova História, também chamado de História Cultural. Enquanto nas Universidades e Centros de pesquisa a História Crítica é dominante, segue-se ao lado uma História Apologética, normalmente valorizando a continuidade histórica e antiguidade institucional e para consumo interno.

Por último, percebemos que a complexificação do protestantismo nacional, obrigou aos estudiosos da religião a multiplicarem os seus olhares, as suas perspectivas, as suas fontes, para entender esse fenômeno plural que é o protestantismo, ou no dizer de Antônio Gouvêa Mendonça, dos “protestantismos”.<sup>14</sup>

### **Notas Bibliográficas**

---

<sup>1</sup> Incluo aqui com protestantismo tanto as denominações históricas, quanto os pentecostais e neopentecostais.

<sup>2</sup> Também chamado de huguenotes.

<sup>3</sup> REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1993. p.39.

<sup>4</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.p.17-18.

<sup>5</sup> O fato do missionário escocês Robert Kalley, exercer o ofício de médico e falar português (pois havia morado na Ilha da Madeira, onde fora expulso por perseguições religiosas) ajudou na evangelização. Assim, combinava o conhecimento médico com a questão espiritual de sua pregação. A sua esposa Sarah Poulton Kalley marcou pela composição de inúmeros hinos evangélicos.

<sup>6</sup> Enviado da Pensilvânia (EUA) para ser missionário no Brasil, onde em 8 anos de trabalho, fundou a primeira Igreja Presbiteriana (atualmente a Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro), o primeiro jornal evangélico do país, chamado “A Imprensa Evangélica.” Morreu, vítima da febre amarela, na capital carioca.

<sup>7</sup> O pentecostalismo se caracteriza pela ação do Espírito Santo, através da glossolalia (dom de línguas), curas, exorcismos e profecias, que são aspectos valorizados. O pentecostalismo moderno iniciou em Los Angeles no início do século XX, procurando resgatar o pentecostalismo descrito no livro de Atos dos Apóstolos.

<sup>8</sup> Cf. FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro in: ANTONIAZZI, Alberto (org.). **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.p 67-159.

<sup>9</sup> GIL, Benedito M; SIEPIERSKI, Paulo D.(org) **Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens**. In: O Protestantismo brasileiro: um balanço historiográfico. SILVA, Elizete da. São Paulo: Paulinas, 2003 (Coleções ABHR) p.127-130.

<sup>10</sup> Id. Ibid.

<sup>11</sup> SALUM, Isaac (prefácio) in: LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro – estudo de eclesiologia e história social**. São Paulo: ASTE, 1963. p.8.

<sup>12</sup> MANOEL, Ivan Aparecido(org.). **Caderno de Resumos do VI Simpósio de História das Religiões**. Franca:UNESP.01-04 jun.2004.p.6.

<sup>13</sup> Interessante perceber o surgimento na década de 1990, da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR) e de cursos de Ciências da Religião, inclusive nas pós-graduações.

<sup>14</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1993.